

Paradoxo entre passado e presente no cais do Valongo: Aspectos sob a ótica da hospitalidade

Paradox between past and present at Valongo pier: Aspects from the perspective of hospitality

Paradoja entre pasado y presente en el muelle de Valongo: aspectos desde la perspectiva de la hospitalidad

Thamires Saldanha Corrêa ¹
Ari da Silva Fonseca Filho ²

Resumo: O presente artigo buscou analisar a relação entre o passado e o presente do Cais do Valongo, tendo como base aspectos hospitaleiros. Como fonte de análise histórica, temos o período do final do século XVIII ao século XIX, que corresponde do auge ao fim do tráfico negreiro no Rio de Janeiro. Para análises atuais, o objeto de pesquisa foi o grupo de estudos da cultura afro-brasileira “Tambor de Cumba”, que realiza mensalmente o evento “Tambor no Valongo” no Cais, apresentando manifestações culturais com danças, músicas e artes. O intuito deste artigo foi identificar a percepção dos aspectos da hospitalidade na cultura afro-brasileira, considerando o paradoxo entre determinado momento histórico e o atual. Esperava-se entender como é possível transformar a “memória negativa” de um local em momentos agradáveis, por meio da música e dança, tendo em vista que o Cais do Valongo remete à porta de entrada dos escravos traficados para o Rio de Janeiro e hoje está sendo utilizado como fonte de sensibilização e inclusão. Para tanto, foi realizada entrevista estruturada com parte dos membros do grupo Tambor de Cumba. A bibliografia utilizada baseou-se em autores da literatura que falam sobre hospitalidade em geral, além de outros que relatam a história do local. Identificou-se que, através das manifestações culturais, é possível valorizar a identidade negra, porém sem perder o viés de luta e resistência. Além disso, verificou-se que o grupo “Tambor de Cumba” se relaciona com a hospitalidade em seu evento, transformando estigmas ligados ao passado da escravidão em fonte de luta e visibilidade ao movimento negro no Rio de Janeiro.

Palavras-Chave: Palavra1, palavra2, palavra3, palavra4, palavra 5.

Abstract: The present article seeks to analyze the relationship between the past and the present of the Cais do Valongo, based on hospitable aspects. As a source of historical analysis, the period from the end of the XVIII century to the XIX century, which corresponds from the peak to the end of the slave trade in Rio de Janeiro. For current analyzes, the research was the Afro-Brazilian culture group Tambor de Cumba, which performs monthly the Tambor no Valongo event in the Cais, performing cultural events with dances, music and arts. The purpose of this article is to identify the perception of hospitality aspects in the Afro-Brazilian culture, considering the paradox between a certain historical and current moment. This article tries to understand how it is possible to transform the "negative memory" of a place in pleasant moments, considering that the Cais do Valongo refers to the entrance door of the slaves trafficked to Rio de Janeiro and today it is being used as a source of awareness and inclusion through music and dance. A structured interview was conducted with members of the Tambor de Cumba group and the bibliography was by author's literature that talk about hospitality in general and authors who report the place history. It was identified that through cultural manifestations it is possible to value black identity, but without losing the bias of struggle and resistance. In addition, it was verified that the group Tambor de Cumba is related to the hospitality in

¹ Tecnóloga em Hotelaria pela Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense. E-mail: thamiris_tsc@hotmail.com.

² Professor Adjunto II da Faculdade de Turismo e Hotelaria da UFF; Doutor e Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo e Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. ORCID: [0000-0003-4492-5446](https://orcid.org/0000-0003-4492-5446). E-mail: arifonseca@id.uff.br.

its event, transforming stigmas linked to the past of the slavery in source of fight and visibility to the black movement in Rio de Janeiro.

Key words: Hospitality, Exaltation of Afro-Brazilian Culture, Valongo Pier.

Resumen: Este artículo buscaba analizar la relación entre el pasado y el presente de Cais do Valongo, con base en aspectos hospitalarios. Como fuente de análisis histórico, tenemos el período desde finales del siglo XVIII hasta el siglo XIX, que corresponde desde la altura hasta el final de la trata de esclavos en Río de Janeiro. Para los análisis actuales, el objeto de investigación fue el grupo de estudio de la cultura afrobrasileña “Tambor de Cumba”, que realiza el evento “Tambor no Valongo” en Cais mensualmente, presentando eventos culturales con bailes, música y artes. El propósito de este artículo fue identificar la percepción de los aspectos de la hospitalidad en la cultura afrobrasileña, considerando la paradoja entre un momento histórico dado y el actual. Se esperaba entender cómo es posible transformar el "recuerdo negativo" de un lugar en momentos agradables, a través de la música y la danza, dado que Cais do Valongo se refiere a la puerta de entrada de esclavos traficados a Río de Janeiro y hoy se está utilizando como fuente de conciencia e inclusión. Para ello, se realizó una entrevista estructurada con parte de los miembros del grupo Tambor de Cumba. La bibliografía utilizada se basó en autores de la literatura que hablan sobre la hospitalidad en general, además de otros que informan la historia del lugar. Se identificó que, a través de manifestaciones culturales, es posible valorar la identidad negra, pero sin perder el sesgo de la lucha y la resistencia. Además, se descubrió que el grupo "Tambor de Cumba" se relaciona con la hospitalidad en su evento, transformando los estigmas vinculados al pasado de la esclavitud en una fuente de lucha y visibilidad para el movimiento negro en Río de Janeiro.

Palabras clave: Hospitalidad, Exaltación de la cultura afrobrasileña, Cais do Valongo..

1 Introdução

O presente artigo visou analisar a região do Cais do Valongo e entorno, ponderando os acontecimentos no período que corresponde do final do século XVIII ao XIX e a partir do ano de 2011 até hoje, a fim de refletir sobre as práticas de escravidão do passado e como o Cais se encontra atualmente. A reflexão foi realizada sob a ótica da hospitalidade, utilizando a pesquisa bibliográfica acerca dos acontecimentos passados e para embasar a observação assistemática com grupos de estudo das artes negras, em especial o grupo de danças “Tambor de Cumba”³, que busca promover manifestações culturais afro-brasileiras no Cais. Considerando que o Cais do Valongo foi um local que sediou um momento histórico completamente avesso às práticas de hospitalidade, pois, segundo Bueno (2016, p. 5) “a hospitalidade seria, de certa forma, a mediadora – que propõe a paz em lugar do atrito _ que propõe a paz em lugar de guerra e acena com o acolhimento em lugar da exclusão”, o trabalho procurou responder à seguinte indagação: como é possível transformar um local que remete à recordação de desvalorização, sofrimento e

³ Disponível em: <www.tambordecumba.com/sobre>. Acesso: 04 abr. 2017.

angústia das etnias africanas em um local de descontração, harmonia, acolhimento e exaltação desta cultura?

O objetivo geral deste trabalho foi realizar um estudo a respeito do paradoxo existente entre o passado e o presente do Cais do Valongo e seu entorno, com o intuito de valorizar e estimular a percepção dos aspectos da hospitalidade na cultura negra atualmente, através da manifestação cultural da dança. Os objetivos específicos foram: apresentar o contexto histórico do local e os conceitos de hospitalidade que embasarão a crítica; investigar como se encontra o local atualmente e como acontece o movimento cultural realizado pelo grupo de estudos “Tambor de Cumba” e analisar, com base nas entrevistas realizadas, a hospitalidade a partir da manifestação cultural da dança no Cais do Valongo.

A relevância deste trabalho consiste na exaltação e valorização de um povo e uma cultura que sofreu e sofre preconceito diariamente. Apesar de tantos anos de lutas e conquistas, a cultura negra ainda é tratada com intolerância e associada a estereótipos equivocados. Portanto, é indispensável que todos tenhamos sempre em mente a importância dos negros para a formação da identidade brasileira.

A abordagem do problema foi realizada de forma qualitativa (GIL, 2010), a partir do processo de observação e entrevistas, que foram fontes diretas de coleta de dados. A finalidade da pesquisa foi exploratória (GIL, 2010), pois o propósito foi tornar o problema mais intimista, vivenciando-o, tornando-o mais explícito e tendo seu planejamento mais flexível, visto que existem poucos estudos publicados sobre o tema.

Para os procedimentos técnicos, além da pesquisa bibliográfica foi utilizada a pesquisa participante, na qual o investigador participou do ambiente estudado, observando as ações no próprio momento em que aconteceram; e a pesquisa de levantamento, envolvendo a interrogação direta a alguns membros do grupo, por meio de uma entrevista estruturada (DENCKER, 2000). Para a coleta de dados, a bibliografia utilizada foi baseada em autores que relataram sobre a hospitalidade em geral e outros sobre a história do local. Para a pesquisa qualitativa, foi feita uma observação assistemática do local, na qual não há controle ou planejamento do que será observado (DENCKER, 2000). Ainda, houve entrevista com a fundadora e parte dos membros do projeto, para que fosse possível coletar as informações reais, considerando as diferentes opiniões dos entrevistados.

Dessa forma, inicialmente o artigo apresentará o contexto histórico do período estabelecido para a análise, sob a ótica da hospitalidade, destacando a criação do Cais do Valongo. Será abordada como ocorria a chegada e vivência dos escravos na região do Valongo antes de serem vendidos, como se deu a desativação do Cais, a transformação em Cais da Imperatriz e as recentes descobertas e resgate do sítio arqueológico, devido às obras de revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro. Em seguida, será apresentado o grupo de estudos Tambor de Cumba, bem como as danças que utilizam, além de detalhar de que forma a pesquisa exploratória e as entrevistas serão executadas. Por fim, será realizada a análise do paradoxo entre presente e passado no Cais do Valongo, visando refletir se é realmente possível transformar um ambiente que carrega uma marca histórica de hostilidade, com os africanos, em um ambiente hospitaleiro, através da exaltação da cultura.

2 Referencial teórico

2.1 Contexto histórico: o Valongo, a herança cultural e as práticas de hospitalidade

Antes da criação do Cais do Valongo, no século XVIII, os escravos que chegavam ao Rio de Janeiro desembarcavam na Praia do Peixe, atual Praça XV, e eram comercializados na Rua Direita, atual rua Primeiro de Março. Devido à grande movimentação de moradores e viajantes no local, os escravos proporcionavam um desconforto na população com sua chegada, pois muitos estavam doentes, com mau cheiro, nus e em quantidade demasiada. Portanto, em 1779, por declaração de necessidades sanitárias, já que o local representava o coração do centro da cidade e existia um alto fluxo de pessoas, e por quererem alcançar uma imagem de cidade europeia, o vice-rei do Brasil, Dom Luís de Almeida, segundo Marquês de Lavradio, transferiu o local de chegada dos navios negreiros para a região do Valongo, onde o comércio de africanos foi estabelecido e passou a crescer anualmente (RIBEIRO, 2013).

Com a vinda da família Real em 1808, o tráfico negreiro no Rio de Janeiro praticamente dobrou, juntamente com a quantidade de habitantes na cidade. Somente em 1811 foi construído o Cais do Valongo, que permaneceu em atividade até 1831, quando foi estabelecida, por pressão dos ingleses, a proibição do tráfico transatlântico pela Inglaterra, que foi ignorada, continuando-o clandestinamente. Segundo Enders (2008, p. 152), “entre 1831 e 1850, em média vinte mil africanos chegam anualmente ao Brasil, com a complacência das autoridades”. Há relatos de que

a última remessa de negros que se tem informação chegou ao Brasil no ano de 1872 (RIBEIRO, 2013).

Aproximadamente 1 milhão de africanos passaram pela região de comércio de escravos no Valongo, no Rio de Janeiro, e o Cais era a principal porta de entrada dos negros para a cidade. O local era importante também, pois era ponto de parada para pagamentos de impostos alfandegários. Na época, a maior movimentação da economia partia do mercado de escravos no Brasil (KARASH, 2000).

2.1.1 Chegada e permanência dos escravos no Valongo

Ao desembarcarem no Cais, os negros que chegavam doentes e não resistiam, ou os que posteriormente faleciam, eram jogados em um terreno, sem enterrá-los, em um local precário, sem as mínimas condições de cuidados com os corpos, conhecido como Cemitério dos Pretos Novos, e que hoje faz parte do circuito de visitação da Região Portuária do Rio de Janeiro. Acreditava-se que eles não eram merecedores de um sepultamento digno e, por conta desta ausência de mérito, seriam impossibilitados de entrar no “Reino dos Céus” (PEREIRA, 2007).

Neste grupo de excluídos, assim como os brancos pobres e párias da sociedade, estão os pretos novos, boçais, neófitos na fé e que, a despeito de terem sido “resgatados” para aprenderem o novo dogma, quando mortos são jogados à flor da terra em um cemitério mantido de forma precária, sem nenhum cuidado para com os corpos daqueles que deveriam aguardar o dia da Ressurreição dos Santos (PEREIRA, 2007, p. 177-178).

Contudo, aqueles que permaneciam vivos eram colocados em depósitos dispostos lado a lado, estendidos em toda rua chamada Valongo, em ambos os lados, que iam da beira-mar até à extremidade nordeste da cidade: esse era o grande mercado de escravos. O escravo permanecia nas casas de engorda⁴ até que um comprador decidisse leva-lo, e viviam em condições completamente desumanas: não tinham quartos, camas, cobertas, ficavam todos juntos, tanto homens quanto mulheres, independentemente da idade. Em alguns depósitos, eles eram categorizados a fim de tornar a exibição mais simplificada. Todo tratamento recebido pelos negros era com intuito de torná-lo uma melhor “mercadoria” para venda, exibindo condições saudáveis (WALSH, 1985).

⁴ Termo que indica as casas onde os escravos eram alocados para serem preparados e levados para o mercado de escravos do Valongo. Disponível em: <<http://rioonwatch.org.br/?p=20172>> Acesso: 27 jun. 2017.

Quando chega um comprador, eles são trazidos a sua presença, sendo por este examinados e apalpados em qualquer parte do corpo, exatamente como já vi açougueiros fazerem com os bois. O exame todo se restringe apenas à avaliação da capacidade física do escravo, sem a menor preocupação quanto às suas qualidades morais, que interessam tanto o comprador quanto se ele estivesse adquirindo um cão ou um burro (WALSH, 1985, p. 152).

Em relação à saúde mental, os negociantes preocupavam-se com a nostalgia dos africanos e temiam que esta pudesse levá-los ao suicídio ou, ainda, que os compradores suspeitassem que tivessem tendência suicida. Para evitar que isso acontecesse, eles lhes davam estimulantes, que agiam de forma a evitar a preguiça e a depressão; caso contrário, eram espancados e ameaçados. Outra forma de curar a nostalgia era estimulando os negros a praticarem a dança e a tocarem a música de sua terra natal. Assim, o contato com sua cultura, com os tambores, palmas e danças contribuía para melhor atmosfera no Valongo. No entanto, caso algum escravo se negasse a dançar, ele era forçado ou açoitado, pois os negociantes viam a falta de movimento como predisposição à nostalgia. Geralmente, quando os compradores chegavam para visitar os negros recém-chegados, eles se deparavam com o grupo dançando, e isso agradava os negociantes, pois era sinal de saúde e disposição (KARASH, 2000).

Freireyss dá uma das melhores descrições da dança no Valongo por volta de 1814. Observou que sempre que um comprador entrava numa das espaçosas salas dos negociantes de escravos, podia ver os africanos recém-importados divertindo-se no estilo de suas terras natais. Freireyss encontrou pessoalmente centenas de escravos nus, de ambos os sexos e todas as idades, que dançavam em um grande círculo enquanto batiam palmas e gritavam uma canção de apenas três notas. Um dançarino deixava o círculo e ia para o centro “movendo o corpo em todas as direções”, e quando terminava, outro tomava o seu lugar [...] (KARASH, 2000, p. 80-81).

Após a venda, os escravos eram marcados na pele, significando que pertenciam a um novo dono. Muitos sofriam por estar se afastando dos seus companheiros de navegação, porém outros viam esperança de vida em estar saindo do ambiente impiedoso do Valongo (KARASH, 2000).

2.1.2 Desativação do cais do Valongo, transformação em cais da imperatriz e o resgate do sítio arqueológico

Após a desativação do Cais do Valongo em 1831, mesmo sendo considerado ilegal o tráfico de escravos, os navios continuavam chegando e os negros passaram a enfrentar desembarques apressados no período da noite, a quilômetros de distância da cidade, e irem

caminhando até a localidade dos armazéns para serem escondidos em barracões (KARASH, 2000).

A primeira transformação ocorreu em 1843, quando passou a ser chamado de Cais da Imperatriz, e sofreu uma remodelação para receber a Princesa das Duas Sicílias, Tereza Cristina Maria de Bourbon, noiva do Imperador D. Pedro II. A finalidade era apagar a memória do Cais do Valongo e remeter o local a uma nova lembrança, escondendo a serventia que o cais teve para o tráfico de seres humanos. A segunda transformação foi em 1911, quando foi realizado seu aterramento, devido às reformas urbanísticas do Rio de Janeiro. Em 2011, com as obras de reurbanização do Porto Maravilha, foi feito um resgate do sítio arqueológico, em que foram descobertas e coletadas aproximadamente 1.200.000 peças que nos remetem à rica cultura e crença daquele povo, além de toda resistência dos escravizados mediante ao sistema que lhes era imposto. Atualmente, todos os materiais encontrados estão sob os cuidados do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e, atualmente, o Cais do Valongo é considerado Patrimônio Carioca e Nacional, reconhecido como Patrimônio da Humanidade, título concedido pela Unesco⁵.

2.2 Tambor de Cumba: mais que um grupo de dança, uma exaltação cultural

As danças afro-brasileiras desenvolveram-se, no Brasil, por meio dos africanos que aqui chegavam para a mão de obra escrava. A cultura africana foi a precursora de diversos ritmos e estilos que ajudaram a formar a atual identidade do nosso país, em especial para a música e a dança (TINHORÃO, 2008).

Desde a época da escravidão, o Cais passou a remeter uma ideia de sofrimento, de maus tratos e, até hoje, é associado a um local que guarda memórias da desvalorização dos negros escravizados que ali passaram. Recentemente, em 2011, uma idealizadora, graduada em Turismo na Universidade Federal Fluminense (UFF), bailarina e diretora artística em danças afro-brasileiras, Ana Catão, decidiu utilizar o espaço do Cais do Valongo e desfrutar de sua experiência na dança, para criar eventos promovidos pelo seu grupo de estudo, Tambor de Cumba. Neste grupo, todos os participantes procuram transformar a “memória negativa” que o

⁵Informações obtidas pelo site oficial do Porto Maravilha. Disponível em: <http://www.portomaravilha.com.br/cais_do_valongo/> Acesso: 06 nov. 2016.

Cais carrega em um local hospitaleiro, onde cada indivíduo sinte-se bem acolhido e a cultura negra seja valorizada e exaltada através da dança.

O grupo tem como principal objetivo “[...] promover as tradições culturais de matriz africana, a fim de conscientizar a respeito da importância da representação da cultura negra como ferramenta de empoderamento e integração social através das artes negras, sobretudo a dança[...]”. Seus objetos de estudo são baseados nas artes negras em geral, em especial, trabalham frequentemente com o jongo, o coco, o samba de roda, a ciranda, o maculelê, a capoeira, o afoxé, o maracatu e a dança afro-contemporânea. O principal trabalho desenvolvido pelo grupo é promover a variedade de danças ao Cais do Valongo, Zona Portuária do Rio de Janeiro, com o evento intitulado Tambor no Valongo, que existe desde 2013⁶. O evento ocorre mensalmente, no terceiro sábado do mês, com entrada gratuita ao público.

2.3 Pesquisa de campo com o grupo Tambor de Cumba

A abordagem da pesquisa foi realizada de forma qualitativa, cujas fontes foram obtidas de todo processo de observação e entrevistas. A pesquisa de campo foi de caráter exploratório, como propósito de tornar o problema mais intimista, vivenciá-lo e torná-lo mais explícito, com planejamento mais flexível. Foi utilizada também a pesquisa participante, pois, apesar da pesquisadora não ser membro do grupo Tambor de Cumba, foi possível vivenciar o evento como participante. As entrevistas foram estruturadas e realizadas com cinco membros do grupo, incluindo a sua fundadora (GIL, 2010).

2.3.1 Visita ao evento Tambor no Valongo

Em campo, na pesquisa exploratória, a observação foi realizada de forma assistemática, visando registrar os fatos no momento em que aconteceram (DENCKER, 2000). A visitação ao evento Tambor no Valongo foi realizada no dia 15 de abril de 2017 e permitiu à pesquisadora identificar atos hospitaleiros, que era o foco principal da observação, além de perceber de que forma ocorre a realização do evento.

⁶ Informações obtidas pelo site oficial do grupo Tambor de Cumba. Disponível em: <www.tambordecumba.com/sobre> Acesso: 04 abr. 2017.

A pesquisadora teve conhecimento do evento através de divulgação na rede social Facebook, na qual existia a programação do evento por horas (16:00h às 20:00h) e outras informações como o tema do evento (Aleluia e São Jorge), data (15 de abril de 2017), local (Cais do Valongo), censura (Livre), entrada franca e que, neste dia, em especial, o prato do dia seria a “Feijoada de Jorge”⁷.

Ao chegar ao local, a pesquisadora observou uma escadaria, pertencente à estrutura física do Cais, na qual as pessoas, livremente, poderiam sentar e assistir às danças. Foi notado também que as pessoas eram livres para participar da roda, tendo experiência ou não com a dança. Foi perceptível um rapaz, aparentemente um turista estrangeiro, que estava encantado com a roda de Jongo, e sentiu-se à vontade para participar, não apenas com palmas, mas dançando, sem aparentemente possuir experiência com a dança. Para as mulheres que queriam participar da dança, possuía um varal onde eram penduradas saias para empréstimo e depois devolvidas para que outras mulheres pudessem utilizá-las. Como o evento durou cerca de quatro horas, houve preocupação com a disponibilidade de venda de alimentação e bebidas.

Essa edição, em especial, contou com a participação da Associação Recreativa Cultural Afoxé Filhos de Gandhi, que também visa à preservação e à exaltação da cultura afro-brasileira por meio da música, da arte e da fé⁸. Antes de dar início à apresentação do grupo, um dos membros relatou sobre a importância do Cais do Valongo para a cultura afro-brasileira e lembrou o fato de que grande parte da cultura do Brasil, principalmente a carioca, foi embasada na cultura africana, especialmente os que sofreram ao chegarem escravizados no país.

Ao iniciarem com a música e com as danças, houve um convite para que todos pudessem descer das escadas e estarem mais próximos, participando ao menos com palmas. Dessa forma, todos os dois grupos presentes e o público estiveram mais próximos e em maior sintonia. Foi um evento agradável, em que notou-se forte presença da cultura afro-brasileira. Houve intenção inicial de realizar entrevistas com membros do grupo e com algumas pessoas que estavam participando do evento no dia, porém, devido à programação não foi possível realizá-las naquele momento.

⁷ Disponível em: <www.facebook.com/events/273137949765174/?ti=cl> Acesso: 08 mai. 2017.

⁸ Disponível em: <www.facebook.com/Filhosdegandirjoficial/> Acesso: 08 mai. 2017.

2.3.2 As percepções dos membros do grupo Tambor de Cumba

O objetivo principal da entrevista com os cinco membros do grupo foi resgatar, a partir de seus pontos de vista, como a hospitalidade está associada ao evento que o grupo propõe, especialmente em um local histórico que reporta a memória de hostilidade com o povo negro escravizado. Em outras palavras, pretendeu-se investigar se a hospitalidade está presente no ideal do grupo e do evento e de que forma podemos percebê-la.

Cabe salientar que, segundo informações obtidas no site oficial do Tambor de Cumba⁹, o grupo dispõe de dez membros, porém as entrevistas foram realizadas com cinco membros. A coleta de dados ocorreu através da rede social Facebook e do aplicativo WhatsApp. Pelo Facebook, foram pesquisados os perfis dos membros, de acordo com os nomes disponibilizados no site do grupo e, em seguida, foram realizados os convites para a entrevista. Após aceito o convite e autorizada a publicação das informações, foram solicitadas que todas as respostas da entrevista fossem gravadas por áudio através do aplicativo WhatsApp. O roteiro da entrevista também foi enviado pelo aplicativo, no entanto, dois dos cinco integrantes o solicitaram por e-mail. Todos os demais integrantes concordaram e realizaram o procedimento conforme solicitado pela pesquisadora.

Dentre os cinco entrevistados, um membro, Gianna Campolina, participa do grupo desde a formação inicial. Outra integrante, Mariana Gomes, participa há três anos, enquanto Matheus Caruso está há mais de dois anos no grupo e Flávio Santos está há pouco mais de um ano. Contou-se, também, com a participação da fundadora e idealizadora do grupo, Ana Catão, comumente chamada de Aninha Catão¹⁰.

Por ser a fundadora do grupo, a entrevista realizada com a Aninha Catão teve um roteiro de perguntas diferente do roteiro dos demais integrantes do grupo. Ela contou como foi o surgimento do grupo, devido a um convite para que ela fosse responsável pela parte das danças afro num projeto de recuperação de uma escola de samba das artes negras, a “Granes Quilombo”. No entanto, depois de aproximadamente dois anos, o projeto não se manteve e encerrou, e o grupo Tambor de Cumba passou a fazer parte da programação de um evento do grupo de samba

⁹ Disponível em: www.tambordecumba.com/integrantes. Acesso: 04 abr. 2017.

¹⁰ Todos os entrevistados autorizaram o uso de seus nomes verdadeiros na composição do presente artigo.

“Velhos Malandros”, que ocorria na Praça da Harmonia, que faz parte da Zona Portuária do Rio de Janeiro.

Depois de um tempo, o grupo sentiu a necessidade de ter um evento próprio. Aninha conta que houve muito apelo do público para que isso realmente acontecesse e que o Tambor de Cumba fosse desvinculado do samba para que tivesse mais tempo para as danças. Dessa forma, surgiu a ideia de levar o grupo para o Cais do Valongo, que também faz parte da Zona Portuária do Rio. Assim, o grupo não perderia a característica de grupo de dança afro da Zona Portuária, já que foi como passaram a ser conhecidos, e criaram o evento Tambor no Valongo. Para Catão (2017), ter escolhido o Cais do Valongo também está associado à memória do local, “[...] pela região ter se tornando também uma região de resistência, de difusão, de preservação da cultura negra, da cultura afro-brasileira, e por toda a representatividade que tem estar naquele lugar (..)” (CATÃO, 2017, [s.p.]).

Quanto à finalidade do evento, Catão (2017, [s.p.]) diz que:

A finalidade do evento é divulgar, difundir, preservar, valorizar a cultura afro-brasileira, praticada pelos próprios negros e dar esse empoderamento ao povo preto através da sua própria cultura, empoderar através da cultura negra, integrar socialmente, apresentar as manifestações, preservar a identidade do povo preto e de forma gratuita, de forma lúdica, na rua. O evento, claro, tem um caráter de lazer, mas ele também tem um caráter educativo, um caráter social, um caráter de combate ao racismo mesmo, por conta de tudo que é apresentado.

Em relação ao início da participação no grupo dos demais integrantes entrevistados e pensando na inspiração que o fizeram fazer parte do Tambor de Cumba e a manter o evento Tambor no Valongo, Santos (2017) relata que o que a inspiração para fazer parte do grupo foi o interesse pela dança, principalmente voltada à cultura negra:

O que me inspirou a fazer parte do Tambor de Cumba foi a dança. Eu sempre quis fazer uma dança, em especial por ter afinidade com a questão da cultura negra e isso me chama muito atenção e ser até uma questão também de resistência, eu acabei optando por fazer aulas de dança com a Aninha Catão e, posteriormente, recebi o convite dela pra fazer parte do Tambor de Cumba (SANTOS, 2017, [s.p.]).

Para Caruso (2017), o principal fator de inspiração foi sua ancestralidade, já que cresceu fazendo parte do Candomblé com sua avó, e o samba de roda fazia parte das festividades religiosas. Outro fator de inspiração é que, fazer parte do grupo, mantém o contato com sua ancestralidade cada vez mais vivo e lhe traz força e identidade enquanto negro. Honrar a resistência desses negros é o que o incentiva a manter o evento Tambor no Valongo, pois, se não

fosse por eles, afirma Caruso (2017, [s.p.]), “[...] o Tambor de Cumba não estaria fazendo um pouquinho de cultura popular aí e todo mês”. Campolina (2017) acrescenta que acha muito importante ter um jongo no Valongo, pois este espaço se tornou um ícone na cidade do Rio de Janeiro, por ser um dos lugares da memória do povo negro e que tem alegria em fazer parte do projeto.

Gomes (2017) relata que a inspiração em fazer parte do grupo é a proposta de luta, de resistência e de valorização da cultura negra, as quais ela considera um diferencial do Tambor de Cumba, já que existem diversos grupos pelo Brasil que, segundo ela, trabalham com manifestações populares afro-brasileiras. Porém, não existe de forma acentuada o viés de preocupação em manter a tradição e levar em consideração algumas questões importantes, dentre elas as raciais; ou seja, os valores que existem no grupo são fundamentais para ela.

Para investigar sobre a relação dos membros com o público, primeiramente houve a necessidade de saber quem é o público que frequenta o evento. Segundo os entrevistados, a maior parte do público que costuma participar dos eventos são pessoas interessadas na cultura afro-brasileira, principalmente outros grupos de dança popular. No entanto, ao visitar o Cais do Valongo, que é um local turístico, as pessoas conhecem e apreciam o evento. Portanto, sempre têm novas pessoas visitando o Tambor no Valongo, desde aqueles que vão diretamente, até os moradores das redondezas e os turistas que vão com a intenção de conhecer o local e acabam participando.

O público, ele é muito variado, a gente recebe pessoas da região, pessoas que não são da região, pessoas que gostam de cultura afro, pessoas que estão passando muitas das vezes pelo local e acabam ficando, turistas que estão passando pelo local e acabam ficando por ser uma região que acabou se tornando um ponto turístico, então a gente tem um público fixo, que é um público que curte a nossa roda, que vai pra ver isso, que é um público específico que gosta de cultura afro-brasileira, a gente tem um público específico da região portuária também, que frequenta por estar no seu bairro e por gostar, obviamente, e a gente tem um público flutuante que é um público que ou tá de passagem no Rio e aí vê aquilo, que são os turistas, ou então tá passando por ali e vê a movimentação e acaba ficando (CATÃO, 2017, [s.p.]).

Quanto à faixa etária, Catão (2017) observa que eles não recebem muitas crianças no evento, sendo a maior parte do público composta por jovens e adultos. Em relação à receptividade, acolhimento e entrosamento dos novos participantes, foi perguntado a todos os entrevistados se havia algum tratamento especial com essas novas pessoas que chegam ao evento.

Para Catão (2017), não há nenhum tratamento diferenciado entre as pessoas, todos são tratados de forma bem igualitária. Já para Gomes (2017), quando a pessoa é do meio da dança afro, tem o costume com participação em rodas e normalmente já são pessoas conhecidas por eles, tem-se um tratamento mais amistoso e estes são deixados mais livres, uma vez que conhecem as regras das danças. No entanto, quando percebem que a pessoa é nova, existe a preocupação para que ela participe do evento da forma mais ativa possível.

Foi relatado, por quatro dos cinco entrevistados, que quando uma pessoa está assistindo e demonstra interesse em participar do evento, há grande probabilidade desta ser convidada a participar da roda, pois existe um acordo entre eles de que sempre um integrante deve dirigir-se até o local onde fica o público e convidar àqueles que demonstram interesse. Isso ocorre pois eles acreditam que o convite de um dos integrantes facilita a aceitação para os mais tímidos. Santos (2017) ainda ressaltou que é possível serem ensinados os passos para que a pessoa entre na roda de dança mais confiante.

Ao começo de cada roda, três dos cinco respondentes contaram que existe uma explicação do que será feito, de como funcionam as regras da roda e aproveitam para convidar o público para estar mais próximo, mesmo que seja apenas batendo palmas. Eles julgam que o evento não é uma apresentação do Tambor de Cumba e sim um momento feito para uma real mistura, sem distanciamentos, e que o evento não existe sozinho, apenas com o grupo, sendo necessária a interação com o público. Para facilitar a comunicação com o público e chegada das informações a todos que estejam no local, Gomes (2017) contou que, a partir dos eventos de junho de 2017, eles teriam um microfone. Além da participação da roda por meio da dança, das palmas, do canto, também há a participação dos percussionistas. Logo, se a pessoa possui maior aptidão para tocar e tem conhecimento das músicas utilizadas, também é permitido que ela participe ou até troque com algum membro do grupo (GOMES, 2017). Portanto, conforme o ideal de Campolina (2017), a dança popular tem como princípio a integração e é isso que o Tambor de Cumba promove em todos os encontros.

De forma geral, houve o questionamento sobre “como é possível transformar um local que remete a recordação de desvalorização, sofrimento e angústia das etnias africanas em um local de descontração, harmonia, acolhimento e exaltação desta cultura”. Para Santos (2017), a cultura deste povo é a responsável por realizar esta transformação, pois, para ele, através dela é

possível remeter aos acontecimentos de uma forma mais leve e interessante. Gomes (2017) acredita que no evento Tambor no Valongo existe uma união entre o que aconteceu no passado e o que acontece no evento, pois eles ressignificam a memória ruim daquele lugar, transformando-a em momentos agradáveis, porém sem perder o viés de luta, de resistência e do que o local significa.

Campolina (2017), no entanto, não vê como uma transformação, e sim como uma forma de manifestar a importância de um acontecimento histórico no presente, cujo grupo se sente responsável por disseminar essa importância, principalmente pelo Cais do Valongo ter a sua demasiada importância para a cultura do nosso país. Caruso (2017) concorda que é um local que remete ao sofrimento, mas o papel do grupo com o evento no Valongo é honrar a ancestralidade negra, que ele julga como a fonte das forças, através da conexão com seu legado cultural e devido à prática de luta e resistência do povo africano escravizado. Portanto, para ele, o evento que o grupo promove é para ser considerado de integração, de acolhimento, de diálogo, de empoderamento, de resistência, de voz para quem não tem voz na sociedade, e de aceitação.

Catão (2017) ressalta que a região do Valongo é um local de morte. No entanto, a maioria das culturas africanas não encaram a morte como algo triste e, sim, as celebram com danças, com arte e com música. Essa herança cultural foi tudo o que eles puderam nos deixar, pois quando foram traficados não puderam levar nenhum pertence consigo. Portanto, é isso que o grupo faz, eles celebram revivendo esta cultura que foi transformada aqui no Brasil. Ela acredita que assim é possível transformar o local em um lugar de celebração e preservação. E, ainda, enfatiza Gomes (2017), quando eles ocupam o Cais do Valongo com o evento, eles conseguem atrair a atenção de quem passa e possivelmente fazê-los parar para refletir a importância que aquele local tem para a história do nosso país.

2.4 Análise do paradoxo da hospitalidade entre o passado e o presente no cais do Valongo

Quando se pensa em hospitalidade, muitos atrelam a palavra ao aspecto comercial, remetendo ao ideal de sermos bem atendidos em algum local onde buscamos serviços. No entanto, a hospitalidade não está presente apenas como qualidade na prestação de serviços, ela se torna presente por meio do encontro de duas ou mais pessoas a partir do momento que se é

oferecida uma dádiva, ou seja, quando uma pessoa dispõe de um dom e o oferece ao outro, seja este dom tangível ou intangível. A hospitalidade pode ser entendida:

[...]como uma relação humana em que acontece uma troca entre alguém que recebe (anfitrião) e alguém que é recebido (hóspede), cujo desenrolar pode redundar em apaziguamentos, sentimentos[...] a amizade, amor, calor humano [...] até algum nível de conflito, de agressividade, de hostilidade (CAMARGO, 2015, p. 47).

A hospitalidade somente acontece no encontro com o outro, no relacionamento interpessoal, como afirma Camargo (2015, p. 48) “[...] a relação interpessoal é o componente básico da cena hospitaleira”. Segundo Quiararia (2016), as relações que se promovem por meio da hospitalidade, não estão apenas relacionadas ao ato de hospedagem e alimentação. São estabelecidos vínculos entre as pessoas em diversos lugares de hospitalidade, que resultam em valores que inerentemente fazem parte dessas relações, como a solidariedade, a caridade e a fraternidade. “Laços sociais se consolidam, em meio à convivência solidária e à cortesia, nos lugares de hospitalidade. Esses são, ainda, lugares de memória e identidade do patrimônio, e potencializam a relação visitante anfitrião por meio do acolhimento” (QUIARARIA, 2016, p. 2).

Boff (2005) define a hospitalidade nos levando a perceber quando não estamos sendo hospitaleiros:

A hospitalidade é antes de mais nada uma disposição da alma, aberta e irrestrita. Ela, como o amor incondicional, em princípio, não rejeita nem discrimina a ninguém. É simultaneamente uma utopia e uma prática. Como utopia representa um dos anseios mais caros da história humana: de ser sempre acolhido independente da condição social e moral e de ser tratado humanamente. Como prática cria as políticas que viabilizam e ordenam a acolhida. Mas por ser concreta sofre os constrangimentos e as limitações das situações dadas (BOFF, 2005, p. 198).

Visto que a hospitalidade pode ser considerada uma forma essencial de socialização e de humanização, ela é considerada uma maneira de se viver em conjunto, ou seja, em um determinado espaço que reúna pessoas, assim como acredita Montandon (2003, p. 132):

[...] a Hospitalidade é uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis. Nesse sentido, a hospitalidade é concebida não apenas como uma forma essencial de interação social, mas também como uma forma própria de humanização, ou no mínimo, uma das formas essenciais de socialização.

Portanto, a partir de conceitos e ideais sobre a hospitalidade, será realizada uma análise de dois momentos da história do Cais do Valongo, no passado e no presente.

2.4.1 A hospitalidade no período da escravidão no Rio de Janeiro

Fazendo uma relação entre a hospitalidade e o período da escravidão no Rio de Janeiro, é possível pressupor a ausência do pensamento hospitaleiro por parte dos negociantes de escravos. Desde quando eram trazidos dentro dos navios negreiros, os escravos não dispunham de roupas, ficavam amontoados de forma a ocuparem o menor espaço possível, não existia preocupação com o bem-estar e nem com as condições mínimas de sobrevivência. Ao chegarem no Rio, eram todos expostos nus, não existia a preocupação com a imagem e nem com o sentimento daquele povo (ENDERS, 2008).

Segundo Guimarães e Camargo (2015, p. 2) “O entendimento empático de ‘perceber e sentir’ a dor ou o prazer do outro pressupõe o conseguir colocar-se no lugar do outro, mas sempre, e apenas, na condição de ‘como se fosse o outro’, de que se trata da dor ou do prazer do outro”, para eles também, a empatia é diferente de compaixão, de piedade e de contágio emocional, ou seja, não é questão de uma situação causar sensibilidade, e sim de se colocar no lugar do outro para evitar que aconteça ao próximo aquilo que não desejamos a nós próprios. Assim sendo, temos a empatia e a ética como fundamentos do altruísmo, que pode ser entendido como aquilo que é oposto ao egoísmo, podendo ser considerado uma atitude de amor ao próximo, a qual não existia por parte dos negociantes.

Portanto, podemos notar que no período da escravidão no Rio de Janeiro, entre final do século XVIII e o século XIX, não existiam práticas hospitaleiras entre os negociantes e os escravos, o que lhes era oferecido não era um acolhimento, era apenas uma forma de mantê-los vivos para posterior lucro. Eles não enxergavam os escravos como seres humanos, e mantinham uma relação estritamente impessoal, baseada em ordens, sendo descartados totalmente os sentimentos.

2.4.2 A hospitalidade do grupo Tambor de Cumba no evento no Valongo

O Cais do Valongo, como já apresentado anteriormente, está localizado na Região Portuária do Rio de Janeiro, é Patrimônio Carioca e Nacional, e guarda consigo a memória do período de escravidão no século XIX no Brasil, já que sua criação foi para ser utilizado como

porta de entrada para os navios negreiros na cidade do Rio. Segundo Silva (2000, p. 219) “[...] o elemento determinante que define o conceito de patrimônio é a sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade”. Portanto, o Cais do Valongo se tornou um dos principais símbolos da identidade negra no Rio de Janeiro.

Inicialmente, sobre o evento Tambor no Valongo, foi percebida uma atenção em relação à forma de divulgação. Nos tempos atuais, pensar em divulgação por meio da tecnologia é indispensável, visto que o uso da internet se propagou por diversas camadas sociais, por meio de aparelhos eletrônicos de fácil acesso, a qualquer hora e lugar. Pensando na ideia de site, Soares (2013) relaciona o uso da comunicação como uma forma de hospitalidade: a virtual.

O site é uma das principais ferramentas de comunicação da empresa com visitante antes do acesso ao serviço propriamente dito e é nessa condição que está o grande desafio dessa pesquisa (promoção da hospitalidade virtual), promover o acolhimento antes mesmo do consumo e da produção propriamente dita do serviço (SOARES, 2013, p. 228).

A divulgação do evento é realizada por meio de uma página na rede social Facebook, além de um site próprio que o grupo dispõe com informações detalhadas. A página é frequentemente atualizada com os eventos e com notícias do grupo. “Os portais de conteúdo se transformaram em espaços dinâmicos e interativos através, sobretudo, das extensões para as redes sociais, em que a função da ação comunicativa é base de sua proposta” (SOARES, 2013, p. 216). Ter esse cuidado com o público, para que se tenha acesso fácil à informação já é uma forma de acolher e usar da hospitalidade desde o âmbito virtual.

De acordo com três dos cinco integrantes entrevistados, não existe uma preocupação do grupo quanto ao nível de sabedoria do público em relação às danças, o mais importante para eles é a união de todos. Para Caruso (2017), o evento que o grupo promove é para ser considerado de integração, de acolhimento, de diálogo, de empoderamento, de resistência, de voz para quem não tem voz na sociedade, e de aceitação, nos mostrando que a hospitalidade está intrinsecamente relacionada ao ideal do grupo, visto que definições de hospitalidade visam exatamente toda essa integração e acolhimento ao outro.

Segundo Baptista (2002, p. 157) a hospitalidade pode ser definida como: “[...] um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude do acolhimento em relação ao outro”. Gotman (2001, p. 493) observa a hospitalidade como: “[...] um processo de agregação do outro

à comunidade e a inospitalidade é o processo inverso”. Já Sansolo (2004, p. 179) reforça a ideia de que a hospitalidade envolve aspectos essencialmente humanos, destacando que: “Ao trilharmos o caminho na busca pela conceituação sobre a hospitalidade procuramos evidenciar que se trata, antes de tudo, de um valor humano construído socialmente e codificado culturalmente”. Ainda sobre os conceitos de hospitalidade, porém enfatizando o fato de ser um evento que busca respeitar as diferenças e fazer uma integração social, vemos que é um evento que pode ser considerado hospitaleiro, segundo Dencker (2003, p. 146), que apresenta e defende a ideia da hospitalidade “[...] enquanto forma de receber o outro, de exercitar a alteridade, de conviver com as diferenças dentro de parâmetros de respeito, tolerância e reciprocidade”.

Além do ideal do grupo ter caráter hospitaleiro, como relatado por quatro dos cinco entrevistados, sempre um integrante se direciona ao público e convida pessoalmente alguém que esteja demonstrando interesse, porém por timidez não se aproxima por conta própria. Santos (2017), ainda ressaltou que é possível ensinar os passos para que a pessoa entre na roda mais confiante. O uso do microfone, declarado por Gomes (2017), também é de grande importância para facilitar a comunicação com o público, além do varal com saias, disponível para que as mulheres participem da roda caracterizadas, e a venda de alimentos e bebidas no local.

Portanto, de forma geral, o grupo tem um cuidado com a hospitalidade, porém através dos relatos dos entrevistados, identificou-se que a exaltação da cultura afro-brasileira é a característica mais marcante do evento e do ideal do grupo. Eles buscam, através do legado cultural herdado por nós e deixado pelos africanos, chamar a atenção para a importância da cultura afro-brasileira para a formação da identidade do Brasil, especialmente do Rio de Janeiro. Segundo Gilberto Freyre (2005), na importante obra da literatura brasileira *Casa Grande e Senzala*, a influência do negro africano é aspecto básico de nosso comportamento mais afetivo. “Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra” (FREYRE, 2005, p. 367). Para ele também, eram os negros que animavam as festividades e comemorações:

[...] Foi ainda o negro que animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria. O português, já de si melancólico, deu no Brasil para sorumbático, tristonho; e do caboclo nem se fala: calado, desconfiado, quase um doente na sua tristeza. Seu contato só fez acentuar a melancolia portuguesa. A risada do negro é que quebrou toda essa "apagada e vil tristeza" em que se foi abafando a vida nas casas-grandes. Ele que deu

alegria aos são-joões de engenho; que animou os bumbas-meu-boi, os cavalos-marinhos, os carnavais, as festas de Reis (FREYRE, 2005, p. 551).

Acredita-se que, mesmo em meio a tanto sofrimento e maus tratos, os negros conseguiram manter a alegria nas festividades e nas comemorações. O pouco que tinham era de muito valor para eles.

O objetivo é o de colocar o texto urbano em condições de comunicar imediata e facilmente um passado histórico considerado precioso. A relação com o passado e com a memória coloca-se na cidade contemporânea de modo novo, a partir das modalidades específicas com que a cultura utiliza a tradição, bem como a história (tradição física: a cidade construída, suas arquiteturas e suas partes; tradição cultural: signos, códigos comunicativos e interpretativos, etc). Sua nova relevância vem unicamente da capacidade de significar o pertencimento ao passado e de reproduzir e recordar a história (GRINOVER, 2009, p. 11).

Logo, podemos observar que a ancestralidade é o que inspira o grupo a manter viva a tradição afro-brasileira, seja ela física, por meio do Cais do Valongo, ou cultural, através das danças, das canções, dos instrumentos musicais utilizados e toda caracterização para reviver e reinventar momentos importantes da nossa história (GRINOVER, 2009).

3 Considerações Finais

O presente artigo buscou entender o paradoxo entre o passado e presente no Cais do Valongo e analisar, por meio da hospitalidade, se podem ser consideradas hospitaleiras ou não determinadas ações.

Foi constatado que, no passado, os negros que foram traficados para o Rio de Janeiro não eram tratados de forma humana, e sim absolutamente hostis. Porém, estes negros nos deixaram um importante legado cultural, que ajudou a formar a identidade do povo brasileiro, em destaque ao carioca. E é essa herança que o grupo Tambor de Cumba utiliza para empoderar os negros e não deixar que sua magnitude seja esquecida. É uma atividade de entretenimento por meio da música e dança, mas também educativa, trabalhando a memória e a história de um povo e suas marcas no lugar. Dessa forma, a história não é esquecida, mas provoca reflexões e, por meio das festividades a torna mais atrativa e acessível a todos os interessados, porém sem perder o viés de luta e de resistência daquele povo. Foi descoberto também que, ao contrário da nossa cultura brasileira, os africanos celebram a morte. Logo, ao estarem no Cais do Valongo, realizando as

manifestações culturais, o grupo não está deixando de evidenciar que o Cais é um local de sofrimento, mas sim reproduzindo uma tradição, conforme a cultura africana.

Acredita-se que o objetivo geral da pesquisa, bem como seus objetivos específicos foram atingidos. A partir da pesquisa exploratória, entendeu-se como se encontra o local atualmente e como acontece o movimento cultural realizado pelo grupo de estudos Tambor de Cumba. Por fim, identificou-se que é possível ressignificar o olhar para um local que remete a recordações de sofrimento do povo africano, utilizando sua cultura e seus valores para que seja possível exaltar este povo e não permitir que seu legado seja esquecido.

Esta pesquisa foi de grande relevância para a vida acadêmica e profissional da pesquisadora, pois através dela foi possível identificar a hospitalidade em âmbito histórico, virtual, cultural, social e trazer novos pensamentos e ideais. O tema de estudo foi capaz de induzir à maior valorização da cultura afro-brasileira e observar com experiências práticas que a hospitalidade pode estar em qualquer lugar, mas para que ela floresça basta que uma sementinha (dom/dádiva) seja plantada (oferecida) no outro, através do encontro.

Referências

- BAPTISTA, I. Lugares de hospitalidade. *In*: DIAS, Celia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.
- BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível**, **Hospitalidade: direito e dever de todos**. Petrópolis: Vozes, vol I, 2005.
- BUENO, M. S. **O desafio da Hospitalidade**. Revista Hospitalidade. São Paulo, volume 13, pp. 04-07, agosto de 2016.
- CAMARGO, L. O. de L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 42 – 69, mai. 2015.
- CAMPOLINA, G. **Paradoxo entre passado e presente no Cais do Valongo: aspectos sob a ótica da hospitalidade: depoimento**. 2017. Niterói: Trabalho de Conclusão de Curso. Entrevista concedida a Thamiris Corrêa.
- CARUSO, M. de M. **Paradoxo entre passado e presente no Cais do Valongo: aspectos sob a ótica da hospitalidade: depoimento**. 2017. Niterói: Trabalho de Conclusão de Curso. Entrevista concedida a Thamiris Corrêa.

CATÃO, A. P. V. **Paradoxo entre passado e presente no Cais do Valongo**: aspectos sob a ótica da hospitalidade: depoimento. 2017. Niterói: Trabalho de Conclusão de Curso. Entrevista concedida a Thamiris Corrêa.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 4 ed. São Paulo: Futura, 2000.

DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. **Hospitalidade**: cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ENDERS, A. **A história do Rio de Janeiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008. 395p.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**, 48 ed. São Paulo: Global Editora. 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, M. A. **Paradoxo entre passado e presente no Cais do Valongo**: aspectos sob a ótica da hospitalidade: depoimento. 2017. Niterói: Trabalho de Conclusão de Curso. Entrevista concedida a Thamiris Corrêa.

GOTMAN, A. **Lê sens de l'hospitalité**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

GRINOVER, L. **A hospitalidade na perspectiva do espaço urbano**. Revista Hospitalidade. São Paulo, ano VI, n. 1, p. 04-16, jan.-jun. 2009.

GUIMARÃES, G. de A.; CAMARGO, L. O. de L. **Influência e importância da empatia na hospitalidade**: formas de avaliar e medir a hospitalidade. In: ANPTUR, 12., 2016, São Paulo. Anais do Seminário da ANPTUR. São Paulo: Anptur, 2016. p. 1 - 11. Disponível em: <<http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.12/DHT2/433.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

KARASCH, M. C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARAVILHA, P. Disponível em: <http://www.portomaravilha.com.br/cais_do_valongo/>. Acesso em: 06 nov. 2016.

MONTANDON, A. Hospitalidade: ontem e hoje. In: DENCKER, A. F.M.; BUENO; M.S. (Org.). **Hospitalidade**: Cenários e Oportunidades. São Paulo: Pioneira-Thomson, 2003.

PEREIRA, J. C. M. da S. **À flor da terra**: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007, 208 p.

QUIARARIA, C. C. **Hospitalidade Pública**: Estudo sobre a “Praça Gustavo Teixeira” – São Pedro, SP. 2016. 15 f. Anais do Seminário da Anptur, São Paulo, 2016. Disponível em: <www.anptur.org.br/anptur/anais/v.12/DHT2/565.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2017.

RIBEIRO, F. **Saiba tudo sobre o Cais do Valongo** - o local por onde entravam os africanos escravos no Brasil no século XIX. Disponível em:

<<http://origin.guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/saiba-tudo-cais-valongo-local-onde-entravam-africanos-escravos-brasil-seculo-xix-731373.shtml> />. Acesso: 08 nov. 2016

SANSOLO, D. G. Indicadores ambientais de hospitalidade em lugares turísticos: uma reflexão para o planejamento. In: DENCKER, A. de F. M. (Org.). **Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004

SANTOS, F. A. do N. **Paradoxo entre passado e presente no Cais do Valongo**: aspectos sob a ótica da hospitalidade: depoiment. 2017. Niterói: Trabalho de Conclusão de Curso. Entrevista concedida a Thamiris Corrêa.

SILVA, E. P. **Patrimônio e identidade**: Os desafios do turismo cultural. Universidade Técnica de Lisboa, 2000. Disponível em:<<http://docente.ifrn.edu.br/isabeldantas/producao-cultural/memoria-e-patrimonio-cultural/patrimonio-identidade-os-desafios-do-turismo-cultural.-silva-elsa-peralta/view>>Acesso: 18. jun. 2017.

SOARES, C. M. P. **Hospitalidade virtual**: uma tentativa de compreensão. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. X, n. 2, p. 213 - 233, dez. 2013

TAMBOR DE CUMBA. 2017. Disponível em:<www.tambordecumba.com> Acesso: 04 abr. 2017

TINHORÃO, J. R. **Os sons dos negros no Brasil**: Cantos, danças, folguedos: origens. 2º ed. São Paulo: Editora 34, 2008, 152 p.

WALSH, R. **Notícias do Brasil (1828-1829)**. São Paulo: EDUSP, 1985, vol 2, p.152.

Artigo recebido em: 09/09/2019

Avaliado em: 14/05/2020

Aprovado em: 19/06/2020